

Garcia d'Orta

Licínio Laborinho Fialho*, Rui M. Cabral Susano**

Resumo

Garcia d'Orta foi um dos mais importantes personagens da história da medicina portuguesa. Deu ao Mundo um importante contributo científico no conhecimento da Botânica, Higiene, Epidemiologia, Climatologia, Hidrologia, Terapêutica Geral, Medicina Tropical, Medicina Hospitalar e Deontologia Médica.

Garcia d'Orta lutou contra o empirismo das teorias tradicionais. O seu conhecimento científico estava baseado na metodologia experimental. Nos Colóquios dos Simples e Drogas, um dos mais importantes livros de farmacologia do século XVI, descreveu as mais raras plantas orientais e a sua aplicação médica no ser humano e deu-nos também um magnífico quadro da sociedade oriental daquele século.

Palavras chave: Garcia d'Orta

Abstract

Garcia d'Orta, is one of the most important characters in the history of Portuguese medicine. He gave an important scientific contribution to the world, increasing our understanding in many different areas such as Botany, Hygiene, Epidemiology, Climatology, Hydrology, General Therapeutics, Tropical Medicine, Hospital Practice and Medical Deontology.

Garcia d'Orta fought against the traditional empirical theories. All his knowledge was based on experimental methodology. In "Colóquios dos Simples e Drogas", one of the most important pharmacological books of the XVIth century, he describes the most rare oriental plants and their medical applications in human beings. He also gives us a magnificent picture of the Oriental society of that century.

Key words: Garcia d'Orta

* Assistente de Clínica Geral do Centro de Saúde da Nazaré

** Assistente Hospitalar de Medicina Interna do Hospital de Santa Luzia, Elvas

Recebido para publicação a 02.11.98

Introdução

Os Descobrimientos Portugueses foram indiscutivelmente decisivos para o progresso da história da Humanidade. A expansão portuguesa dos séculos XV e XVI colocou-nos na vanguarda dos países europeus. Fruto das suas corajosas explorações além fronteiras, os nossos navegadores trouxeram novos conhecimentos e deles germinaram novos conceitos que influenciaram o pensamento do velho continente, contribuindo para o despertar do espírito renascentista¹.

São muitos os personagens imortalmente ligados à nossa odisseia marítima. Um dos nomes ímpares que participou nessa grande aventura foi, sem dúvida, Garcia d'Orta, um marco de referência em toda a história da Ciência. Foi o pioneiro da Medicina tropical e um dos promotores da moderna Medicina experimental. Em Goa, a Roma do Oriente do século XVI, Garcia d'Orta concebeu uma autêntica obra prima da ciência médica europeia e mundial, um verdadeiro tratado de farmacognosia e de terapêutica, os *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*².

Relembrar esta personagem ímpar são os motivos desta breve dissertação. Na última Exposição Mundial do século, em Lisboa, Garcia d'Orta emprestou o seu nome a um enorme pavilhão a céu aberto: o Jardim Garcia d'Orta, representativo da epopeia da Botânica dos portugueses quinhentistas e seiscentistas. A evocação de Garcia d'Orta é ainda uma homenagem obrigatória a quem tanto contribuiu para escrever uma das páginas mais sublimes da história da nossa Medicina.

"(...) Se sabe mais em hum dia agora pellos Portuguezes, do que se sabia em 100 annos pellos Romanos (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XV da Canela, da Cássia-Linha e do Cinamomo; I Vol: pág. 210).

A vida

Garcia d'Orta (1500?-1568?)³, médico do séc. XVI, para além do interesse médico-científico da sua obra, os *Colóquios*, que constituem uma pedra basilar do conhecimento médico, deixou-nos um valioso legado histórico, geográfico, político, social e etnográfico da Índia seiscentista.

Nasceu em Castelo de Vide⁴, filho de uma família de cristãos-novos espanhóis refugiados naquela localidade após a publicação do édito de expulsão dos judeus pelos Reis Católicos.

Como tantos outros portugueses daquele tempo, estudou em Salamanca e Alcalá de Henares, entre 1515 e 1523, onde obteve a licenciatura em Artes,

Filosofia e Medicina. Desde muito jovem que se interessou pela Botânica, influenciado pelo famoso botânico e também seu mestre, António de Lebríja, pelo que passou a ser alcunhado de *O Ervas*.

Depois de se ter submetido a provas perante o Físico-Mor do rei D. João III, condição essencial para o exercício da profissão exigida aos médicos diplomados no estrangeiro, começou por exercer na terra que o vira nascer no ano de 1526, um burgo bastante importante e populoso para a época, mas carente de clínicos, e já com a devida autorização para *poder andar de mula e de faca*, concessão feita apenas aos médicos e juristas de então⁵.

Em 1530 vem para Lisboa, em concurso *por oposição*, depois do Conselho Universitário o ter rejeitado como professor durante três anos, para substituir o grande Pedro Nunes⁶. Compreensível esta mudança se atendermos ao seu espírito irrequieto, crítico, insaciável e culto. Passou a reger a cadeira de Filosofia Moral e, posteriormente, de Filosofia Natural na Universidade de Lisboa, tendo pertencido inclusivamente ao Conselho da Universidade Portuguesa, em 1533. Conviveu com nomes ilustres e cultos do seu tempo, como António de Ataíde, André de Resende e D. Jerónimo Osório, e os professores universitários Pedro Margalho e Pedro Nunes. Chegou a acumular a docência com a actividade de Físico do Rei.

Mas, volvidos quatro anos, na companhia de Martim Afonso de Sousa, seu amigo e protector, então nomeado Capitão-Mor do Mar das Índias, partiu para a Índia na condição de médico do comandante. Curiosidade pelas terras do Oriente? Ambição de riqueza? Gosto pelo rigor científico, contraposto aos conhecimentos livrescos e empíricos de então? Ou sentimento de insegurança, uma vez que era de origem judaica e se previa a instauração iminente do Tribunal do Santo Ofício, facto que veio a suceder dois anos mais tarde, após autorização papal, bula de Paulo III *Cum ad nobilem magis*, concedida a D. João III?

Quer fosse pelo crescente clima de intolerância religiosa ou pelo ensejo de conhecer, saber mais e enriquecer, certo é que, passados seis meses chegou à Índia, acompanhando o seu protector durante quatro anos em aventuras terrestres e marítimas, interessando-se desde logo pela descoberta e estudo de novas plantas, seus princípios e sua aplicação na actividade clínica. "(...) *tenho grande desejo de saber das drogas medicinais — as que chamam lá em Portugal de botica — e destoutras mêzinhas simples, que qua ha, os frutos todos, e da pimenta, das quais cousas queria saber os no-*

mes em todas as línguas, assi das terras onde nascem e das árvores ou prantas que os crião, e assim queria saber como usão dellas os físicos indianos (...)" (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio I; Introdução; I Vol: pág. 19).

Mas também aqui, depressa revelou a sua faceta de hábil negociante; de Lisboa levava consigo cinco quintais de pau-santo, substância utilizada no tratamento da sífilis, doença já bastante disseminada entre a população indiana, o que lhe permitiu angariar uma pequena fortuna de mil cruzados.

O seu casamento com Brianda de Sólis, também ela oriunda de uma conhecida família de cristãos-novos e de quem teve duas filhas, não foi feliz, dada a avareza e arrogância da esposa. Por ironia do destino, viveu na Rua dos Namorados. Esta infelicidade matrimonial talvez o tenha levado a dedicar-se ainda mais à investigação, não sem que, também ele, tenha trilhado os caminhos da promiscuidade, tão frequentes na altura, havendo informação de que tenha contraído a sífilis.

Percorreu o interior da Índia, Baçaim, Diu, Chaul e Bombaim, em acções militares, acompanhando sempre o seu amo e amigo Martim Afonso de Sousa. Possuía então, em Bombaim, uma quinta de recreio e de estudo onde, no seu *jardim botânico*, criava e examinava espécies raras de plantas. Estabeleceu-se finalmente em Goa, numa luxuosa residência, onde deu início ao seu trabalho de pesquisa, munido de um intenso desejo de chegar à verdade, não sem que para isso tivesse de se confrontar com médicos indianos cuja transmissão de conhecimentos era feita, ao longo de gerações, entre membros da mesma família, devido à inexistência de escolas médicas. "(...) *sam homens, que nan curam senam per experiencia e per costume ... andam por huma rua, e a todos curam com um frasquo que trazem ... da anatomia nam sabem onde está o figado, nem onde está o baço, nem cousa alguma (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: págs. 137-138). Apesar disso, estes conhecimentos da Medicina hindu não foram totalmente rejeitados por Garcia d'Orta que os apreciou, copiou e inclusivamente os utilizou "(...) *e he cousa muito boa para guarecer asinha, e já nós alguns tomámos desta mêzinha achámos nos bem della (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio II do Aloes; I Vol: pág. 29). "(...) *primeiro provo as mêzinhas dos meus doutores, quando me não aproveitam, tomo a dos Bramenes desta terra (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág. 139). "(...)

estas e outras cousas muytas soube eu delles, to-mandoos pollo beicho ... curam bem nas camaras, e pollo pulso dizem se tem febre ou não, e se está fraco ou rijo (...)” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág. 137).

Mas o contacto com as gentes do Oriente, as informações sobre os produtos por eles utilizados, quer quanto à origem quer quanto às características e qualidades terapêuticas, permitiram que se tornasse um médico famoso, pelo que os seus conhecimentos médicos foram requisitados não só por vice-reis portugueses mas também por príncipes, nobres e sultões indianos, entre eles destacando-se o sultão Bahadur Sháh e o rei Buhrán Nizam Sháh “(...) *hum rey no Balagate... davame quarenta mil pardãos de renda porque o visitasse alguns meses do anno (...)*” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio X do Ber e dos Brindões; I Vol: pág. 119). Este relacionamento tornou possível o acesso à cultura médica indiana mormente ao receituário tradicional praticamente inexpugnável a estrangeiros, só possível graças ao convívio plurirracial que Orta sempre soube manter com os residentes no Oriente.

Ao mesmo tempo, era negociante de drogas, jóias e pedras preciosas, que comercializava para Portugal, possuindo mesmo um navio para essas lides comerciais. Daí tirou o proveito pecuniário suficiente para conseguir uma extensa e bem apetrechada biblioteca pessoal, onde não faltavam os autores gregos, latinos e árabes. De entre as obras constantes nesta biblioteca figuravam as de Hipócrates, Galeno, Avicena, Averrois, Celso, Aristóteles, Discórides, Plínio, Laguna, Lebrija, Santo Agostinho e Vesálio⁷. Crê-se que Garcia d’Orta dominava várias línguas e entendia suficientemente alguns dialectos indianos. Por outro lado, tentava manter-se permanentemente actualizado, correspondendo-se inclusivamente com um outro seu colega, não menos famoso, Amato Lusitano.

O respeito e consideração de que era alvo resultou também do seu poder de assimilação das várias culturas médicas e sua aplicação na prática clínica como refere Malupa, físico dos escravos de Orta: “(...) *O doutor Orta as sabe milhor que nós todos, porque nós sabemos a dos gentios somente, e elle sabe as dos Cristãos e Mouros, e Gentios milhor que nós todos(...)*” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio LIV do Turbite; II Vol: pág.332), embora, por vezes, não tivesse sido fácil impor as terapêuticas por si recomendadas “(...) *o costume da terra ... he mao de arrincar... os fisicos letrados folga-*

vam de ...contradizer a mim; de modo, que estando eu presente o curavam de huma maneira, e ausente, de outra (...)” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág.141).

Apesar das actividades de mercador, nunca descurou o estudo e o aprofundamento de conhecimentos de índole geral sobre o Oriente, das suas gentes e das suas coisas, ao contrário de alguns seus contemporâneos que não prestavam a devida atenção à realidade que iam encontrando “(...) *os Portugueses, que navegam muita parte do mundo onde vão, nam procurão de saber senam como farão milhor suas mercadorias ... não são curiosos da saber as cousas que ha na terra (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XII de Cãnfora e das Carambolas; I Vol: pág. 151).

Em 1548 chama para junto de si a mãe e irmãs, as quais começavam a ser perseguidas na metrópole pela Inquisição.

Garcia d’Orta exerceu no famoso Hospital d’El Rei de Goa, um centro com capacidade para 3000 doentes considerado, na altura, um dos melhores do Mundo, pelo elevado nível técnico e conforto ali existentes. Este estabelecimento hospitalar assegurava diariamente um serviço de consultas, e as enfermarias existentes, bastante luxuosas para a época, autenticamente palacianas, recebiam visita médica duas vezes por dia; nesta visita, o médico fazia-se acompanhar de um cirurgião, de um boticário e de um dietista. As três refeições diárias, facultadas também aos visitantes dos enfermos, eram servidas em finos serviços de porcelana chinesa⁸.

Nesta cidade conheceu Luís de Camões, o qual lhe escreveu uma ode de recomendação ao Vice-Rei da Índia, D. Francisco Coutinho. Esta ode, a primeira composição impressa do genial poeta português, figura no prefácio dos *Colóquios*.

Trabalhou igualmente no Hospital dos Lázaros, fundado em 1530 para recolher todos os leprosos do Oriente.

Praticava a religião católica e considerava o judaísmo como uma falsa religião “(...) *perguntey a um boticayro, espanhol na lingua e judeo na falsa religião (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio IV do Amomo; I Vol: pág. 60). Mostrava-se mesmo intolerante com os não católicos, desprezando a obra de Leonardo Fuchsio “(...) *porque ainda que soube na fisica bem, soube muyto pouco em condenar sua alma, e ser hereje condenado por luterano (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio LVIII das Coisas Novas; II Vol: pág. 379).

Garcia d'Orta invocava muitas vezes o nome de Deus "(...) *se me Deos der dias de vida (...)*" (*Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XVI do Coco comum e das Maldivas; I Vol: pág. 243*) e atribuía muitas das suas curas à Divina Providência. Era, de resto, muito estimado pelo clero goense, cultivando amizades entre padres jesuítas e frades franciscanos.

Na sua obra descreve detalhadamente as espécies que encontra e suas qualidades terapêuticas, algumas delas totalmente desconhecidas no Ocidente, outras conhecidas de forma inexacta e fantasiada: "(...) *senão os escritores antigos viram estas drogas tam de longe trazidas, que nam puderam haver perfeita noticia dellas ... fingiram mil fabulas que Plinio e Heredoto traz; que elle conta por verdadeiras, e são mais fabulosas que podem ser (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XV da Canela, da Cássia-Linha e do Cinamomo; I Vol: pág. 201*).

Os *Colóquios* foram impressos em Goa na oficina do mestre tipógrafo alemão João de Endem, a 10 de Abril de 1563⁹, depois de trinta anos de observação atenta, experimentação e análise cuidadosas. Até aí, o arsenal terapêutico da época era um misto de arte e ciência, umas vezes rigorosa, outras empírica e falaciosa, lamentando-se então que "(...) *sam os boticairos portuguezes pouco deligentes em aver mézinhas, e muito em aver dinheiro (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XXXI do Cate; II Vol: pág. 74*).

Dada a criação em Goa, três anos antes, do Tribunal do Santo Ofício, a obra de Garcia d'Orta teve de ser submetida à aprovação do inquisidor Aleixo Dias Falcão, o qual não a considerou condenável.

Morreu em 1568 e foi sepultado junto de sua mãe na Sé de Goa. Apesar de ter vivido opulentamente, faleceu com disenteria e com prováveis complicações de doença venérea, tendo sido praticamente abandonado pela esposa, valendo-lhe uma irmã que o lavou e vestiu para o enterro.

Porém, mesmo após a sua morte, foi *perseguido* pela Inquisição. A 4 de Dezembro de 1580, os seus restos mortais foram desenterrados, queimados publicamente e lançadas as suas cinzas ao rio Mandovi. Também nesse dia, os exemplares encontrados, dos seus escritos vieram a sofrer a rejeição pelo mesmo inquisidor que antes os aprovara e que, considerando-os heréticos, igualmente os queimou. Presume-se que o mesmo terá sucedido aos demais exemplares encontrados quer na Índia quer no Reino, resultando daí a raridade bibliográfica dos *Colóquios*.

Garcia d'Orta nunca escondeu o seu amor a Portugal nem o orgulho em ser português. Daí, com razão alguém disse que a sua morte fez diminuir o valor da nossa pátria.

A obra

A obra de Garcia d'Orta foi escrita em português, apesar da prática corrente do bilinguismo, da qual nem mesmo Gil Vicente e Luís de Camões se libertaram, e também na forma coloquial, como era hábito entre os médicos da época: "(...) *Bem pudera eu compor este tratado em latim ... mas traladeo em portugues por ser mais geral, e porque sei que todos os que nestas indianas regiões habitam, sabendo a quem vai entitulado, folgaram de o leer (...)*" (*Colóquios dos Simples e Drogas: dedicatória a Martim Afonso de Sousa para que, por este, a obra pudesse ser emendada, defendida e protegida; I Vol: pág. 5*).

Obviamente que, pelo facto de terem sido escritos originalmente em português, os *Colóquios* não tiveram a projecção merecida. Não só porque o latim era a língua escrita e falada pelos médicos da época, como também pela inexistência de termos técnicos na nossa linguagem. Para além disso, passou a ser proibido falar, no Reino de Portugal, em Garcia d'Orta, durante todo o restante século XVI, bem como nos séculos seguintes. No entanto, puderam ser mais tarde divulgados pelo botânico belga Jules Charles de l'Écluse, que os traduziu para o latim, *Latino sermone in Epitome contracta*, a partir de alguns exemplares trazidos para Portugal por Cristóvão da Costa, médico e cirurgião da Armada Portuguesa e dos hospitais da Índia, que viveu em Goa e Cochim pouco depois da morte de Garcia d'Orta¹⁰. Essa edição, impressa em 1567 na célebre *Oficina Plantiniana* de Antuérpia, foi publicada com gravuras, mas não na forma de colóquios. Realizaram-se, posteriormente, sucessivas reedições em Leyde, Veneza, Siena, Sevilha, Madrid e Paris, entre outras cidades. A tradução para o latim, o idioma por excelência da ciência medieval, tornou finalmente possível dar a conhecer a toda a Europa esta obra e a sua posterior publicação noutras línguas.

Os *Colóquios*, para além das notas introdutórias, são constituídos por cinquenta e oito capítulos ordenados alfabeticamente sobre o mesmo número de *drogas*, produtos de origem vegetal, animal ou mineral que, depois de transformados, se podiam usar com fins medicinais, e *simples*, plantas medicinais usadas sem prévio tratamento¹¹. Deles consta também um colóquio complementar, não

numerado, dedicado ao Betele. Cada colóquio identifica uma espécie e suas variedades, região de origem, maneira de colheita ou extracção, características botânicas e farmacológicas, suas utilizações domésticas e cosméticas, bem como a sua aplicação terapêutica desde o modo de administração até às suas indicações clínicas. Na obra original, nenhum dos colóquios apresenta gravuras.

No final do último colóquio, novamente por ordem alfabética, é apresentada uma *taboada* explicativa do conteúdo da obra. Os Colóquios são de leitura e compreensão difícil, não só pelos inúmeros erros tipográficos, como também pela incorrecta ortografia, a qual se traduz num estilo ocasionalmente confuso e mesmo nebuloso. Por vezes, o discurso é amenizado, ao tratar assuntos curiosos ou mesmo anedóticos, não relacionados com a actividade médica – “(...) *he colóquio que não faz pera física, senão para pasatempo (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XXI do Marfim e do Elefante; I Vol: pág. 303); “(...) *ainda que isso não he física, também folguo de o saber mais que outras cousas, pera tirar o fastio (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XXXII da Maça e da Noz; II Vol: pág. 85).

Os conceitos de Garcia d’Orta são expostos sob a forma de uma conversa entre Ruano, imaginariamente representando um seu colega escolástico de universidade que o visita em Goa e que é um defensor das ideias tradicionais, mas, ao mesmo tempo, insatisfeito e ávido de novos conhecimentos⁷ “(...) *ne-nhuma cousa desejava mais, que tirar de mim os erros que tenho, e semeardes em meu intendimento novas sementes (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio VII da Altitude, do Anjudem, da Assafética e do Anil; I Vol: pág. 79); “(...) *eu direi as duvidas que tiver, que não quero ficar com escrupulo (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XV da Canela, da Cássia-Linha e do Cinamomo; I Vol: pág. 202) – e Orta, o médico prático, que constantemente expõe ideias e factos por ele observados, comparados e experimentados: “(...) *eles se derão pouquo á pratica e muito ás escolhas, e vós e eu fizemos o contrairo (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio II do Aloés; I Vol: pág. 24).

Por isso, para alguns^{12,13}, ele foi o verdadeiro precursor do experimentalismo em Portugal, o precursor directo do método científico, já que, com a observação e a experimentação, Garcia d’Orta tentou buscar uma nova verdade, feita de realidades e certezas, em oposição ao espírito da época e para o qual a explicação do Mundo, do Homem e das coisas tinha um carácter meramente dedutivo. Essa

explicação era superficial, subjectiva e circunstancial, dando origem a conceitos que facilmente se transformavam em dogmas, desde que reconhecidos pelas instituições vigentes. E todas as dúvidas eram julgadas pela fé e pela religião. Porém, apenas a observação cuidadosa e activa de factos por ele experimentados, produzidos sempre da mesma maneira e nunca de outra forma, se poderiam identificar e explicar, mesmo que contra-argumentando a quase inquestionável sabedoria dos autores clássicos. Este conceito está bem patente no colóquio do diamante face à ideia generalizada de que o ferro seria atraído pelos diamantes. “(...) *Loguo vereis o contrario, quando o esprementar quiserdes (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XLIII do Diamante; II Vol: pág. 202). Apesar disso, também o conhecimento de Garcia d’Orta se inspirou em outros autores, por ele reconhecidos como honestos e dignos de credibilidade; “(...) *porque homem tan douto bem sey que dirá verdade (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio IX do Benjoim; I Vol: pág. 105); “(...) *eu não diguo as cousas senam que sei bem sabidas, ou ditas por pessoas dignas de fé (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio LV do Incenso e da Mirra; II Vol: pág. 354); “(...) *quando mo elles dixerem crerloey, e afirmáloey (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XVI do Coco comum e das Maldivas; I Vol: págs. 241-242).

Eram dados os primeiros passos no método indutivo, que Francis Bacon, mais tarde, iria consolidar. E o mesmo se poderia dizer em relação à dúvida metódica de Descartes, a dúvida como instrumento para chegar à verdade e a necessidade da evidência para o seu reconhecimento; “(...) *o contrario disto espermentámos já ... porque nam acertam em todas as cousas os homens (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XLIII do Diamante; II Vol: pág. 205); “(...) *já o li, mas como o nam vi, não sei dizer se he verdade ou não (...)*” (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio LV do Incenso e da Mirra; II Vol: pág. 354).

A sua preocupação com o culto da verdade não poderia ser subvertida por qualquer outro valor, como é próprio de um verdadeiro homem de Ciência: “(...) *não tenho odio senão aos erros; nem tenho amor senão à verdade (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XVII do Costo e da Colérica-Pássio; I Vol: pág. 255); “(...) *minhas verdades ditas sem cores rhetoricas, porque a verdade se pinta nua (...)*” (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio VII da Altitude, do Anjudem, da Assafética e do Anil; I Vol: pág. 79). Como exemplo, a

propósito do unicórnio, prudentemente refere "(...) dizem tantas cousas incertas desse animal, que, por nam as saber bem, não as queria contar; porque as pessoas que mas contam, não as contam como testemunhas de vista (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XXXI do Cate; II Vol: pág. 75).

As suas conclusões eram sustentadas por expressões como *eu experimentei, por meus olhos o vi, esta é a verdade*, ou *segundo o experimentei*, contestando, dessa forma, conceitos até então indiscutíveis; "(...) — Ruano: Como, todos esses que diseis, erraram? — Orta: Si; se chamaes errar a dizer o que não he (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XLVI da Pimenta; II Vol: pág. 243). E aqui se descobre outra faceta de Garcia d'Orta, o homem corajoso, honesto e independente, sem receio das dificuldades e riscos que corria ao enfrentar as até então imutáveis autoridades académicas, que solidamente edificavam o pensamento medieval; "(...) não me ponhais medo com Dioscorides, nem Galeno; porque não ey de dizer senão a verdade e o que sey (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio IX do Benjoim; I Vol: pág. 105), diz, referindo-se concretamente à planta da pimenta que, enrolada nos troncos das árvores, não poderia ser um arbusto erecto como considerava Dioscórides, nem um vegetal semelhante ao zimbro como pensava Plínio "(...) a mim, como a testemunha de vista mais baixo que todos os medicos, se ha de dar mais fê que a esses padres da medicina, que per falsa enformaçam escreverão (...)" (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XV da Canela, da Cássia-Linha e do Cinamomo, I Vol: pág. 208). Inclusivamente, o seu mestre em Alcalá, Lebrija, não escapou, embora respeitosa, às suas correcções "(...) verdade he que dixeu Lebrixa, e que era muy docto e curioso, mas enganouse no nome grego ... foy descuido (...)" (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio V do Anacárdio; I Vol: pág. 65). Não deixava de ressaltar que as pérfidas informações dos escritores mais antigos se ficaram a dever ao fraco progresso da arte de navegar da época. Em relação aos doutores da Igreja, as suas rectificações eram ainda mais veladas, como é o caso desta emenda a Santo Agostinho em relação à conservação da carne de pavão "(...) e os que screveram isso ... disseram verdade; e nós dizemos verdade (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio do Bétele; II Vol: pág. 399).

Por outro lado, a frontalidade do médico-escritor em boa parte se ficara a dever ao facto, por ele reconhecido, de se encontrar em paragens bem distantes daquelas onde severamente seria punido por tais, embora verdadeiras, arrojadas afirmações "(...) por-

que eu, estando em Espanha, não ousaria dizer cousa alguma contra Galeno e contra os Gregos (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XXXII da Maça e da Noz; II Vol: págs. 83-84).

Os diálogos travados entre Ruano e Orta constituem também uma verdadeira enciclopédia de farmacologia indiana, pois versam sobre produtos orientais, organizados também por ordem alfabética, e por ele demonstrados e revelados. "(...) *Nenbuma coisa sei, que logo o nam diga aos boticairos e físicos, e a todos; e, isto bem sei que nam he bom pera mim, porque dizem depois que elles acháram estas cousas e levão a glória de meus trabalhos, e eu nam o digo, senam por aproveitar a todos (...)*" (Colóquio dos Simples e Drogas: Colóquio XIII do Cardamomo e das Carandas; I Vol: pág. 182).

Mas, já naquele tempo, Garcia d'Orta seguia os doutos princípios da ética médica, nomeadamente no capítulo da experimentação em humanos afirmando que "(...) não é bom experimentar mézinhas não sabidas (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio IV do Amomo; I Vol: pág. 59), como se pode constatar neste diálogo: "(...) — Ruano: *Dêstelo já a algum voso negro ou negra?* — Orta: *Nam, porque nam me conformei com a minha conçiencia a fazelo (...)*" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XX da Datura e dos Duriões; I Vol: pág. 296).

Também pertinente é a ainda actual constatação de que não existem fórmulas rígidas para o tratamento das diversas patologias, antes havendo a necessidade de se atender a cada caso, a cada doente e às suas características individuais "(...) o çapateiro não calçava a todos com huns çapatos (...)" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág. 141).

Ao assistir, em 1543, a uma epidemia de cólera que grassava em Goa, Garcia d'Orta colheu elementos suficientes para ser o primeiro médico a descrevê-la de maneira exacta: "(...) *pulso muyto sumerso... muyto frio, com algum suor tambem frio ... grande incendio e calmosa sede... olbos muyto sumidos ... ar-revesam, e saem muyto ... vertude fraca... caimbras (...)*" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XVII do Costo e da Colérica-Pássio; I Vol: pág. 262), reconhecendo a gravidade e a rapidez de progressão dessa enfermidade, "(...) *porque commumente mata em vinte e quatro oras; e eu já vi pessoa que não durou mais que dez oras, e os que mais duram sam quatro dias; e, porque não ha regra sem exçeisam, vi um homem com muyta constancia de vertude que viveo vinte dias, sempre ar-revesando colora curgino-sa, e emfim morreo (...)*" (Colóquios dos Simples e Drogas: Colóquio XVII do Costo e da Colérica-Pás-

sio; I Vol: pág. 261). Aconselhava várias terapêuticas, como vomitivos, clísteres, aplicações externas de óleos quentes, cauterização dos pés ou triaga, sendo a preferida, as raspas de pedra bazar ou bezoar, “(...) *a mézinha que mais aproveita, e com que melhor me achei ... que casi milagrosamente dilata as forças do coração (...)*” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio XVII do Costo e da Colérica-Pássio; I Vol: pág. 266). Aliás, era o bezoar um dos fármacos mais utilizados por Orta (...) *em muytas enfermidades velhas melamcolicas uso della, assi como sam sarnas grossas, lepra, prurido antigo, empigens ... nas chaguas de todalas mordeduras venenosas aproveita, e nas apostemas da peste ... e porque nesta terra as bexigas e sarampam sam mui venenosas... com isto he o veneno emfraquecido (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XLV da Pedra Bazar; II Vol: págs. 233-235).

Descreveu também com bastante pormenor a sífilis, aconselhando uma terapêutica que viria a ser seguida posteriormente por outros médicos, mas provavelmente sem grandes resultados práticos, já que se crê que viria a falecer vítima desse mal. Fez igualmente referência a outras doenças, tais como a sarna, a asma, o sarampo, a varíola, o escorbuto, intoxicações, parasitoses intestinais e doenças uterinas. Citou também doenças que, pela não descrição da sintomatologia, não puderam ser identificadas como a *câmara*, a *paixão dos olhos* e a *freima*. Com exactidão foram igualmente descritos os efeitos euforizantes do haxixe: “(...) *estar fora de si, como enlevados sem nenhum cuidado e prazimenteiros, e alguns rir hum riso parvo ... quando de noite queria yr a Portugal e ao Brasil, e à Turquia, e à Arabia, e à Persia, não fazia mais que comer um pouco de bangue (...)*” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio VIII do Banguê; I Vol: pág. 97).

Descreveu o hábito indiano bastante antigo de mastigar folhas de cravo para combater o mau hálito e, após a divulgação da sua obra, o seu uso generalizou-se na higiene dentária, especialmente sob a forma de óleo de cravo. Ainda hoje algumas pastas dentífricas têm na sua composição o eugenol, um composto extraído do óleo de cravo. Foi também o primeiro médico europeu a servir-se da Medicina hindu para a fisioterapia, ao utilizar as massagens, prática corrente oriental, para o tratamento das contraturas, assim como a descrever a sintomatologia neurotóxica provocada pelos venenos das serpentes. Também da sua prática consistiu a utilização do garrote.

De igual modo nos deu conta da presença portuguesa e sua influência na Medicina hindu – “(...) e

elles nunca usarão sangria, senão desde que nós somos nesta terra (...)” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág. 137) — bem como do já então imoderado gosto dos portugueses pelas novidades, novos fármacos e novas terapêuticas orientais, mesmo que sem resultados demonstrados: “(...) *he tam boa gente de enganar a gente portugueza, que facilmente sam enganados por elles, e o que pior he que ... vamse com o seu parecer delles (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XXXVI do Mungo e do Melão da Índia; II Vol: pág. 137).

Possuidor de uma grande cultura e de uma prodigiosa memória, Garcia d’Orta procurou ser objectivo, imparcial e rigoroso: “(...) *delles vos nam quero falar ... porque não sei isto muito bem sabido (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XLIV das Pedras Preciosas; II Vol: págs. 218-219). Não obstante, a sua obra também tinha alguns defeitos, próprios de quem faz uma obra grandiosa e de quem, naquela época, com os conhecimentos e instrumentos rudimentares existentes, a muito custo os poderia evitar.

No final dos *Colóquios* é novamente notório o espírito crítico, mas sempre fiel à verdade, ao elaborar uma errata de vinte páginas, sem deixar de concluir que muitos outros erros haveria a referir, mas, por serem tão claros, facilmente seriam reconhecidos pelo leitor.

Na sua obra são citados cerca de sessenta autores, desde os grandes sábios da cultura árabe e greco-latina até aos naturalistas e médicos seus contemporâneos, o que nos dá ideia não só da sua sólida formação teórica como do valor das fontes científicas onde bebeu.

Garcia d’Orta modificou profundamente doutrinas e conceitos tradicionais, aboliu mitos, dogmas e conhecimentos infundados, os quais nunca seriam interpretados à luz de uma lógica científica; tornou-os claros, reais e objectivos. Porém, apesar de toda a sua grandiosidade, foi soberbo na sua modéstia e realista na compreensão dos limites do conhecimento humano: “(...) *não vos disse já que Serapio errára nisto, e que não he muyto, pois era homem (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XIX das Cúbedas; I Vol: pág. 290); “(...) *a verdade tem pés, e anda e nunca morre (...)*” (*Colóquios dos Simples e Drogas*: Colóquio LVII da Zedória e do Zerumbete; II Vol: pág. 365)

Final, como diria Orta, “(...) *o nosso saber he a mais pequena parte do que ignoramos (...)*” (*Colóquio dos Simples e Drogas*: Colóquio XIII do Cardamomo e das Carandas; I Vol: pág. 179).

Bibliografia

1. Rasteiro A. Os Descobrimientos portugueses e o conhecimento do Homem. Coimbra Médica 1987; 4: 331-336.
2. Colóquios dos simples e drogas da Índia por Garcia de Orta. Academia Real das Ciências de Lisboa. Edição dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891 (Vol. D); 1895 (Vol. II).
3. Sousa AT. Curso de história da medicina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
4. Macedo JB. Medicina, cultura e mundo. *Oração de Sapiência*. Revista da Ordem dos Médicos 1988; 12: 22-30.
5. Juma I. Grandes figuras da medicina portuguesa. Lisboa: Tribunapress, 1993.
6. Juma I, Catanho V. Arte e religião nos hospitais de Portugal. Lisboa: Tribunapress, 1989.
7. Neto P. Alguns Médicos famosos fora da medicina. Vol II. Lisboa: Laboratórios Azevedos, 1994.
8. Viagem de Francisco Pyrard de Laval. Livraria Civilização (Série Ultramarina, II-III), Porto. Obra citada por Ferreira FAG em: Fundação Calouste Gulbenkian (Ed), História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal. Lisboa, 1990: 117-129.
9. Moreno A. Médicos escritores portugueses, Vol. I. Lisboa: Ed. ERL, 1990.
10. Menezes JV. Armadas portuguesas. Apoio sanitário na época dos descobrimentos. Lisboa: Academia da Marinha, 1987.
11. Nogueira F. Garcia de Orta. O médico e investigador. O Médico 1991; 2007: 30-39.
12. Nogueira F. O Método científico. O Médico 1964; 685: 132-162.
13. Frada J. Garcia de Orta e o experimentalismo científico. Notícias Médicas 1989; 1859 (supl): I-III.